

COORDENAÇÃO
Carlos Fortuna

EQUIPA EDITORIAL
Ana Serrano
Bernardo Fazendeiro
Isabel Dórdio Dimas
Rita Martins

MIL FOLHAS

BOLETIM QUADRIMESTRAL

1 2 1 9 0

FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



ABERTURA
**UM TERRITÓRIO
TRIPARTIDO**

Carlos Fortuna .2

LEITURAS E LIVROS
**SOBRE O LIVRO DIGITAL:
OPINIÕES DE DIRIGENTES
ESTUDANTIS**

Rita Martins .2

OUTRAS BIBLIOTECAS
**HEMEROTECA
MUNICIPAL DE LISBOA**

Fernanda Ruivo e Vanessa Albino .3

DEPOIMENTO
**QUEM SABE
O QUE É UM LIVRO?**

Manuel Portela .4

ESPECIAL
**AUTORETRATO:
A BIBLIOTECA DA FEUC
EM 2022**

Ana Serôdio .6

SUGESTÕES DE LEITURA
*Rui Lourenço, José Alberto Fuinhas,
Susana Jorge e José Manuel Mendes .8*

UM TERRITÓRIO TRIPARTIDO

CARLOS FORTUNA FEUC

De repente, o MIL FOLHAS surge no seu número 7. O entusiasmo inicial da equipa editorial é o mesmo de sempre. Em torno do Livro, da Leitura e do Lugar da biblioteca, o MIL FOLHAS procura estimular a reflexão sobre este território múltiplo e sobre cada uma das suas partes. Enquanto tal, todas elas desafiam a uma viagem mais ou menos longa, pausada e sempre profunda.

Enquanto território múltiplo, o conjunto do livro, da leitura e do lugar da biblioteca convidam-nos a ficar, a demorarmo-nos e a tecermos pausadamente as narrativas e os imaginários que melhor traduzem ou desvendam as nossas existências.

Desta vez, a grande reflexão centra-se no diálogo – ou será ainda confronto? – do livro impresso com o livro digital. Estes dois livros, tratados, desde há muito, como aguerridos opositores, estão descritos na reflexão de Manuel Portela como expressões possíveis de relatos de duas materialidades – impressa e digital – ziguezagueando ao sabor de mutáveis circunstâncias históricas e contextuais. O jogo aberto que jogam entre si, nos nossos dias, vai surgir retratado, neste número do MIL FOLHAS, através da opinião de quatro dirigentes estudantis

desta Faculdade de Economia. A sua preferência pelo digital, assente em pressupostos de economia, versatilidade, acessibilidade e defesa do ambiente é vigorosa e prolonga a reflexão sobre as mudanças que afetarão a trilogia dos 3Ls que assinalámos (livro, leitura e lugar).

Neste número, a “Outra Biblioteca” convidada pelo MIL FOLHAS, é a Hemeroteca Municipal de Lisboa. Trata-se de um repositório riquíssimo que disponibiliza 20 mil publicações periódicas nacionais e estrangeiras.

Os quotidianos do país e do mundo permanecem na Hemeroteca Municipal para serem consultados e compreendidos na história longa e nas geografias diversas de curiosos e especialistas. O MIL FOLHAS

saúda a equipa da Hemeroteca e a energia que, como sucede em todas as bibliotecas públicas, garantem diariamente a manutenção ativa do seu tão extraordinário espólio.

Falemos, a terminar, do lugar que é a Biblioteca. Concentremo-nos, para isso, naquilo que foi o ano de 2022 da nossa biblioteca. É a Biblioteca da FEUC a falar de si própria pela mão de uma das suas responsáveis. Como sucede com a Faculdade de Economia, a celebrar os seus 50 anos de vida, este foi o ano em que com os seus livros, impressos e digitais, as suas leituras e o seu lugar próprio, o território tripartido que enunciamos se preparou para acolher os desafios desse outro meio século que se avizinha e que há de trazer consigo uma renovada e sempre desafiadora atividade. ●

SOBRE O LIVRO DIGITAL: OPINIÕES DE DIRIGENTES ESTUDANTIS

RITA MARTINS FEUC

O Conselho da Biblioteca auscultou os Presidentes dos Núcleos de Estudantes de Economia, Sociologia, Gestão e Relações Internacionais da Associação Académica da Universidade de Coimbra, sobre a importância do livro digital e o modo como o seu uso se associa à frequência e à importância percebida da biblioteca em geral, e da Biblioteca da FEUC, em particular. Agradecemos aos participantes a disponibilidade demonstrada e passamos a uma breve síntese das respostas recolhidas.

Os estudantes em causa foram convidados a responder a um questionário disponibilizado por email, tendo o período de receção de respostas decorrido entre 17 de dezembro de 2022 e 5 de janeiro de 2023.

Todos os representantes dos núcleos de estudantes atribuem uma grande importância ao livro digital, conferindo-lhe um conjunto de vantagens associadas à praticidade e flexibilidade permitidas, como a facilidade e rapidez de acesso e de uso. Ainda que de forma não generalizada, surgem indicados o fator preço e a questão ambiental como elementos que levam os estudantes a preferirem o livro digital ao livro impresso. Apesar das vantagens que todos

reconhecem ao livro digital, apenas um dos inquiridos o considera substituto do livro impresso, declarando que “Nos dias de hoje, o livro digital [é] um substituto dos livros físicos.” Todos os outros respondentes consideram-no complementar.

Em relação ao impacto da digitalização sobre a utilização da biblioteca em geral, os Presidentes dos Núcleos têm opiniões divergentes. Alguns consideram benéfica a digitalização porque, como afirma um deles, “Uma biblioteca digital pode ser consultada em qualquer lado do mundo, a qualquer hora”. Outros fazem uma avaliação menos positiva ao considerar que “as pessoas já não sentem necessidade de se deslocar para obterem a informação que precisam”, o que reduz a centralidade física das bibliotecas.

No que respeita especificamente à Biblioteca da FEUC, a digitalização é vista como positiva, sendo destacado que “[...] seria sem dúvida uma mais valia digitalizar a biblioteca, conservando o espaço para local de estudo” e, a ser assim, “resolveria a limitação de tempo imposto para requisição dos exemplares, bem como a limitação dos próprios exemplares”. Todos os respondentes afirmam utilizar regularmente materiais de estudo digitalizados

(artigos, apontamentos, livros ou outros), o que é encarado como positivo pela sua praticidade, gratuitidade e potenciais efeitos ambientais. Não surpreende, pois, a unanimidade a propósito de as bibliotecas poderem ampliar a sua atratividade e aumentar a diversidade dos recursos disponíveis. Como um dos respondentes assinala, “uma biblioteca que deseje dar um passo em frente no que toca à experiência [disponibilizada ao utente], terá de apostar na digitalização”. Outro argumento sublinha a vantagem associada à “maior flexibilização do estudo” e a certeza de que “as bibliotecas continuarão a ser o espaço de estudo de eleição dos estudantes universitários”.

Da breve análise realizada, destacam-se o entusiasmo dos Presidentes dos Núcleos de Estudantes em relação às vantagens da digitalização, em simultâneo com o reconhecimento da importância da Biblioteca da FEUC, como espaço físico de estudo e aprofundamento do conhecimento. Este potencial de regeneração e de mudança da biblioteca constitui argumento para o Conselho da Biblioteca continuar a refletir junto da comunidade FEUC, acerca das condições atuais e das melhorias desejáveis do serviço da biblioteca. ●

HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA

FERNANDA RUIVO E VANESSA ALBINO

Apoio à Coordenação da Hemeroteca Municipal de Lisboa

A palavra Hemeroteca tem origem no grego. No caso, os vocábulos *heméra* que tem o significado de dia, somado a *théke*, que significa coleção ou depósito, criam a palavra hemeroteca, ou seja, uma coleção de publicações do dia ou de publicações periódicas.

A Hemeroteca Municipal de Lisboa é atualmente, no universo da Rede de Bibliotecas de Lisboa, o equipamento especializado na preservação, catalogação, estudo e disponibilização de publicações periódicas.

Em 1931, ano prolífero no lançamento de novas publicações, a Biblioteca Municipal Central de Lisboa (a atual Biblioteca Palácio Galveias), tornou-se beneficiária de Depósito Legal, passando a receber um exemplar de todas as publicações, incluindo jornais e revistas, editadas em Portugal. Mais tarde, em 1973,

“A Hemeroteca dispõe de um acervo documental que é notável pela sua antiguidade, pela sua extensão e pelo seu valor informativo, literário e histórico”.

a braços com falta de espaço na Biblioteca Palácio Galveias, a coleção de publicações periódicas é separada da restante e ganha vida própria no Palácio Marquês de Tomar, junto ao Bairro Alto, com a designação de Hemeroteca Municipal de Lisboa. É aí que permanece até 2013. Em 2015, reabre nas atuais instalações, na Rua Lúcio de Azevedo, nas Laranjeiras.

A Hemeroteca Municipal de Lisboa é um repositório único da história quotidiana de Portugal dos últimos três séculos, disponibilizando mais de 20.000 títulos de publicações periódicas e estrangeiras. O seu jornal mais antigo, um número da *Gazeta de Lisboa* datado de agosto de 1715, pode ser consultado no *website* da Hemeroteca Digital em hemerotecadigital.cm-lisboa.pt. Esta plataforma, criada em 2005 e mantida pela Hemeroteca Municipal, disponibiliza o acesso integral a uma vasta e surpreendente coleção de jornais e revistas que se encontram neste momento em domínio público.

A Hemeroteca dispõe de um acervo documental que é notável pela sua antiguidade, pela sua extensão e pelo seu valor informativo, literário e

histórico. Em termos nacionais, será apenas comparável aos fundos de periódicos da Biblioteca Nacional de Portugal ou da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Uma vez que até à Revolução de Abril de 1974 e subsequente independência das colónias portuguesas, o território nacional incluía ainda os vastos domínios das províncias ultramarinas, mencione-se a existência na coleção de todos os Boletins Oficiais das ex-Províncias Ultramarinas portuguesas, fontes preciosas para a história administrativa (mas também política, económica e social) desses espaços.

De ainda antes dos anos 30, mas já do século XX, temos títulos como *A Águia*: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica (1910-1932); *Alma Nacional* (1910); *Seara Nova*: revista quinzenal de doutrina e crítica (1921-); *O Xuão*: semanário de caricaturas (1908-1910) continuado por *O Zê*, 1910-1915; *a Serões*: revista mensal ilustrada (1901-1911); *A Paródia* (1900-1907); o *Tiro Civil*: órgão da Associação dos Atiradores Civis Portugueses e a sua sucessora *Tiro & Sport*: revista de educação física e actualidades (1904-1910); a *ABC*: revista portuguesa (1920-1940) ou a incontornável *Ilustração Portuguesa* (1903-1923), revista da empresa do jornal *O Século*, que constitui provavelmente a melhor fonte iconográfica para as duas primeiras décadas do século, mercê da colaboração regular de, entre outros, Joshua Benoliel (1873-1932), considerado o pai da reportagem fotográfica em Portugal.

Para a década de 1930 em diante, salvo falhas pontuais, existe no Depósito da Hemeroteca praticamente tudo: desde os jornais de grande informação como o *Diário de Notícias*, *O Século*, *República*, *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *A Capital*, *O Jornal*, *Expresso*, *Jornal de Notícias*, *O Comércio do Porto*, *A Época*, *Novidades*, ou títulos mais recentes, como o *Público*, *O Independente*, ou o jornal *i*, até aos desportivos *Bola*, *Record*, *O Jogo*, passando pelo universo de títulos de revistas, como a *Século Ilustrado*, *Mundo Gráfico*, *Vida Mundial*, *O Tempo e o Modo*, *Revista Militar*, *Visão*, *Colóquio*, *Vértice* ou *Análise Social*.

Revistas de história, universitárias, técnicas, políticas, culturais, doutrinárias, associativas, sindicais, religiosas, literárias, artísticas, especializadas, de informação geral, de carácter regional e local, estão disponíveis para as mais variadas formas de abordagem, como fontes incontornáveis para in-

vestigação, a par de uma função paralela da satisfação pontual de necessidades de informação ou de simples entretenimento.

Relativamente ao desenvolvimento da coleção digital da Hemeroteca, esta passou por vários estágios evolutivos. Apostou-se na interoperabilidade com a base de dados bibliográfica comum a todos os equipamentos da Rede de Bibliotecas de Lisboa. A partir deste catálogo, e através dos pontos de acesso consagrados pelas regras de catalogação (título, autor, data e local de edição, editor, etc.) é possível a recuperação de toda a coleção da Hemeroteca e, no caso de títulos presentes na coleção digitalizada, o acesso ao objeto digital pode fazer-se a partir do registo bibliográfico.

Desde 2011, os registos bibliográficos da Hemeroteca com objetos digitais associados podem também ser recuperados na Europeia, a grande base de dados europeia. Esta inclusão, que aumenta a possibilidade de recuperação dos registos à escala mundial, é feita por meio de uma ligação automatizada ao Registo Nacional de Objetos Digitais (RNOD) gerido pela Biblioteca Nacional de Portugal. Para além deste objetivo, o RNOD cumpre outro, não menos importante: o de tornar públicos e acessíveis, não só o património digital português existente, como os planos de digitalização das entidades parceiras, ajudando desta forma a racionalizar esforços e a evitar redundâncias no trabalho a desenvolver.

No que toca à cooperação com outras instituições, esta tem-se revelado importante ao permitir completar coleções com números em falta na Hemeroteca. Desta forma, tem-se conseguido garantir a disponibilização digital de títulos completos, mesmo nos casos em que na correspondente coleção em suporte papel, na Hemeroteca Municipal, se registem falhas.

Em 2014, foi implementada na Hemeroteca Digital a tecnologia de reconhecimento ótico de caracteres (OCR) nos ficheiros pdf. Este procedimento, que passa a permitir a pesquisa interna no conteúdo dos documentos, facilita ao utilizador a localização e recuperação da informação pretendida.

Digitalmente, a Hemeroteca marca também presença no Flickr, gigantesca base de imagens onde alojamos conteúdos gráficos extraídos das nossas publicações periódicas, devidamente contextualizados e indexados por meio de *tags* (em português e inglês) e referenciados, estruturados em álbuns que vão desde a publicidade aos retratos, da moda à participação portuguesa na I Guerra Mundial. ●

Nota: Este texto tem como referência o seguinte artigo:

Matos, Álvaro Costa de; Oliveira, João Carlos (2015). Hemeroteca Municipal de Lisboa: património projetado para o futuro. Cadernos BAD, 1, 2015, 177-200.



QUEM SABE O QUE É UM LIVRO?

Manuel Portela — FLUC

Faculdade de Letras da UC / Coordenador do Doutoramento em Materialidades da Literatura

Há pelo menos 50 anos que o modelo do livro impresso – inventado pelos tipógrafos e humanistas dos séculos XV e XVI com base na tradição do livro manuscrito medieval – sofre a concorrência do livro digital. Com efeito, quando os engenheiros começaram a imaginar o que seriam a interface física e a interface gráfica do computador digital do futuro tomaram o livro impresso como modelo. O *Dynabook*, prototipado por Alan Kay em 1972 como um “computador pessoal para crianças de todas as idades”, tem a portabilidade de um livro e uma superfície de inscrição e de apresentação que se assemelha a uma página. O computador digital – nas propriedades materiais do dispositivo (ou seja, no *hardware*) e nas propriedades materiais do espaço simbólico de escrita e leitura (ou seja, na representação gráfica gerada pelo *software*) – foi sendo desenhado e redesenhado a partir da ergonomia visual e háptica do livro impresso e dos seus sistemas internos de organização e navegação.

O livro, enquanto máquina cognitiva otimizada para o corpo humano, forneceu o modelo para a máquina semiótica eletrónica portátil e multifuncional. A história da engenharia de materiais e da arquitetura de software que vai dos primeiros computadores de secretária e portáteis até aos *tablets* e *smartphones*, por um lado, e das páginas dos primeiros processadores de texto às páginas em PDF e às páginas web, por outro, permite-nos observar a profunda relação entre o livro e o computador na sua condição de dispositivos informacionais e espaços simbólicos de representação destinados a socializar a escrita e a leitura. Podemos por isso afirmar que, na articulação que faz entre a materialidade eletrónica dos circuitos e a materialidade ótica dos ecrãs, o computador em rede não é mais do que a encarnação daquele sonho visionário de um livro dinâmico multimédia. Se assim é, como compreender então a persistência da dicotomia entre livro impresso e livro digital?

Uma primeira tentativa de resposta seria: tendemos a tomar como modelo do “livro” apenas um certo tipo de livros – em particular aqueles em que se conjugam título, autor, unidade material discreta e portabilidade com uma “obra literária” ou uma “obra científica” ou uma “obra artística” –, esquecendo-nos de que um livro é, talvez acima de tudo, um dispositivo de organização e apresentação de informação de natureza gráfica (texto e imagens). Por outras palavras, podemos reconceitualizá-lo retroativamente como um computador bibliográfico, uma reconfiguração de formas complexas de organização da informação. Pense-se, por exemplo, em dicionários e enciclopédias e, em geral, na auto-indexação que todos os livros fazem da sua própria estrutura através de diversos tipos de índices. Se o imaginarmos assim, torna-se fácil compreender por que motivo a página e o livro impressos e as suas estruturas de organização serviram de modelo para desenhar não apenas os dispositivos digitais, mas também a interface gráfica do utilizador.

Uma segunda tentativa de resposta, quase simétrica da anterior, seria: tendemos a tomar como modelo do “livro digital” apenas um certo tipo de livros – designadamente aqueles que mimetizam eletronicamente os livros impressos que tomamos como modelo do “livro” –, esquecendo-nos de que um livro digital pode ser, também, um espaço de inscrição que integra múltiplos média (texto e imagem, mas também animação de texto, áudio, vídeo e interação programada). Pense-se, por exemplo, em livros digitais infantis e juvenis com texto e animação, ou em áudio-livros e vídeo-livros ou em obras de literatura eletrónica. Se imaginarmos o livro digital a partir destas múltiplas instâncias é mais difícil concebê-lo apenas como um duplo do livro de papel. Embora surja muitas vezes como a mera versão noutra meio de uma forma impressa, o livro digital é afinal a expansão daquilo que um livro pode ser. Nessa medida, o livro digital altera a própria noção de livro tal como o livro tipográfico alterou a noção de livro derivada das tecnologias de reprodução manual. Livro impresso e livro digital não são equivalentes, a sua intersecção é apenas parcial. Se por acaso se espelham é de forma distorcida, refratando-se um ao outro.

“...o livro digital é afinal a expansão daquilo que um livro pode ser.”

Uma terceira resposta, que incorpora as duas respostas anteriores, seria: ao tomarmos como modelo geral do livro um certo tipo de livros impressos e como modelo geral do livro digital um certo tipo de livros digitais que replicam os livros impressos, impedimo-nos de imaginar livremente o que um livro pode ser na nova ecologia medial. Restringimos a noção de livro à experiência histórica proporcionada pela tecnologia da imprensa (da tipografia ao *offset* e à impressão digital) e confinamos as possibilidades multimídiais, sociais e de ligação em rede do meio digital à emulação daquela noção histórica e reificada de livro, como se o códice (e o seu sistema material e social de produção) tivesse esgotado as possibilidades daquilo que um livro pode ser e daquilo que pode ser livro. Na verdade, o livro digital obriga-nos a recodificar a noção de livro, desvinculando-a dessa identificação necessária (mas afinal contingente) entre determinada materialidade técnica e determinada configuração discursiva e medial.

Se, de facto, um livro for um espaço material e imaginário de articulação simbólica – uma forma de inscrever o mundo e a experiência através da mediação da linguagem e de outros meios – então o livro digital é uma reinstanciação expandida e modificada desse espaço articulatório. “Digital” seria apenas uma adjetivação temporária e transitória, dependente do atual momento de coexistência, concorrencial e cooperativa ao mesmo tempo, de diferentes meios e da persistência do poder heurístico e do valor simbólico do livro “impresso” como quintessência e modelo cultural do “livro”. À medida que este modelo é recriado e transformado dentro e fora do espaço digital, a dicotomia tende a desaparecer.

Se pensarmos esse biformismo apenas a partir de experiências distintas de leitura, podemos ainda imaginar uma quarta resposta: consoante os contextos sociais e funcionais de leitura, um mesmo texto-livro pode ser lido predominantemente em suporte digital ou em suporte impresso. Estariam no primeiro grupo, por exemplo, textos de consulta e os diferentes subgéneros do discurso científico (da monografia à coletânea de textos e à revista académica), enquanto no segundo encontraríamos, por exemplo, diferentes subgéneros do discurso literário. De resto, muitos livros são hoje publicados em múltiplos formatos simultâneos (com ISBNs distintos), apresentando-se como réplicas equivalentes umas das outras: capa mole, capa dura, epub, pdf. Além disso, certo tipo de textos são publicados, predominantemente, em formato digital, com opção de impressão a pedido e à medida. Por outro lado, com leitores eletrónicos dedicados de alto contraste e baixo brilho – como o Kindle ou o Kobo, por exemplo –, mesmo a vinculação preferencial da leitura continua de textos longos ao meio impresso tende a desfazer-se, tornando-se mais uma questão de preferência ocular. Nestas condições técnicas e sociais, a hibrididade torna-se uma condição geral da produção e do consumo de livros: impresso e digital, mas também impresso para algumas coisas, digital para outras.

Por fim, resta sublinhar algo que raramente temos presente: pelo menos desde há três décadas que o livro impresso tem um processo de produção (na criação e na impressão) predominantemente digital. Uma consequência deste facto é a progressiva invenção de novas formas de livro impresso, designadas como livros “pós-digitais”, isto é, livros cujas formas de organização, desenho da página, integração de texto e imagem e, por vezes, aspetos da própria mecânica do códice decorrem do seu tratamento digital. Muitos álbuns ilustrados infantis e juvenis, por exemplo, permitem-nos ver e tocar essa reinvenção da materialidade do livro impresso. Esta seria talvez uma das lições a retirar da digitalização do livro: a possibilidade de (como autores, designers e leitores) continuarmos a recriar e a imaginar o livro, num jogo aberto de interações entre materialidade digital e materialidade impressa. E a perguntarmo-nos ainda mais uma vez: afinal de contas, o que é um livro? ●

O ANO DE 2022 EM REVISTA

Imperativos da modernidade ditam que as Bibliotecas cada vez mais tenham uma natureza polissémica, a aceleração social com as novas tecnologias associadas, e a profusão de novos suportes de leitura ultrapassam, em preferência, nas novas gerações, e não só, o livro no formato físico papel, o livro tradicional requer o seu próprio tempo, pouco acelerado por natureza, mais concentrado e efetivo... Estes imperativos da modernidade estabelecem a necessidade de uma permanente adaptação à mudança que as Bibliotecas tentam acompanhar.

Desta forma, é necessário refletir sobre a nossa missão e ponderar que meios dispomos para acompanhar o ritmo que nos é tacitamente imposto. Onde estamos, como estamos, para onde queremos ir, o que devemos fazer, como devemos fazer, são questões que se impõem e que só são possíveis de responder quando fazemos uma retrospectiva do que se tem feito, só assim é possível mudar, só assim se pode evoluir...

Terminado o ano de 2022 é chegada a altura de fazer um balanço sobre o que se fez na Biblioteca da FEUC.!

2022 E A NORMALIDADE A BIBLIOTECA COMO LUGAR DE LEITURA

Durante dois anos o mundo físico das instituições estagnou devido à pandemia, foram encontradas novas formas de comunicação, de fazer ensino, de transmitir informação e conhecimento. A nossa Biblioteca ficou sem livre acesso aos livros, reduziu e condicionou o número de utilizadores e o horário de funcionamento.

O ano de 2022 marcou o regresso à normalidade quando restabelecemos o acesso livre às estantes, pusemos fim da quarentena dos livros emprestados e retomámos os horários alargados.

A Biblioteca da FEUC continua a ser o espaço escolhido por muitos Estudantes da Universidade de Coimbra para estudo e investigação. Tal facto deve-se à excelente localização da Biblioteca, aos horários alargados, à climatização, ao conforto do mobiliário e ao ambiente em geral da Biblioteca.

O balcão de atendimento registou o habitual movimento, anterior à pandemia, realizou um total de seis mil novecentas e dezasseis operações o que correspon-

AUTORETRATO A BIBLIOTECA DA FEUC EM 2022

ANA SERÓDIO

Bibliotecária - FEUC

de a 7,3% do total de operações realizadas no universo das Bibliotecas da Universidade de Coimbra. A nossa é a quarta biblioteca da Universidade com mais operações em balcão de empréstimo.

Em dez de novembro atingimos a marca dos oitenta mil livros registados! No ano que terminou foram tratadas mil trezentas e cinquenta e sete monografias e duzentos e quarenta capítulos (analíticos) de autores com vínculo à FEUC.

Neste período registámos a entrada de dezasseis novos livros da *Estante FEUC*, livros esses que recebem um selo/marca própria, sendo também sinalizados no catálogo *online* bem como divulgados e destacados nas redes sociais.!

FUNDOS DOCUMENTAIS UMA BIBLIOTECA CUSTODIAL MAS MEDIADORA

Contamos com um fundo bibliográfico ímpar, tendo sido adquiridos alguns acervos particulares, dos quais se tem feito, gradualmente, o tratamento técnico, estando atualmente a ser tratados dois desses fundos.

Do Fundo Gama Mendes damos conta que existem três mil novecentas e setenta e quatro monografias tratadas e destas, cerca de setecentas e sessenta e oito foram tratadas em 2022. A informação sobre estas monografias está disponível para consulta no catálogo informatizado da Biblioteca.

Do Fundo Romero Magalhães estão catalogadas quatrocentas e nove monografias

cuja disponibilização pública aguarda a ultimização do tratamento e destas, duzentas e oito foram catalogadas em 2022.

O trabalho na biblioteca não se resume ao tratamento documental – o conhecido *circuito do documento* – que pressupõe o registo, carimbagem, catalogação, indexação, classificação, atribuição de cota e arrumação de cada obra para posterior consulta e/ou empréstimo. Existe também todo um trabalho de reorganização dos fundos que, por vezes, dependendo dos critérios, é anterior ao tratamento documental.

Em 2022, o Fundo Romero Magalhães foi reorganizado e as suas cinco mil quatrocentas e oitenta monografias foram colocadas por ordem cronológica, o que se justificou pelo facto de as temáticas desta biblioteca particular terem essencialmente carácter histórico.!

EXPOSIÇÕES UMA BIBLIOTECA QUE SE DÁ A CONHECER

A Biblioteca e as suas salas de leitura são espaços de eleição para o estudo, tendo uma energia muito própria. O átrio é ponto de encontro, mas sobretudo espaço de passagem e, como tal, tem sido dinamizado com diversas exposições, das quais destacamos:

Dispersos: Apontamentos, anotações, cartas e demais por Joaquim Teixeira Ribeiro, constou da mostra bibliográfica da coleção de documentos manuscritos e outros tais como correspondência e documentos dactilografados encontrados na documentação do acervo de José Joaquim Teixeira Ribeiro.

A exposição do Fundo Gama Mendes,

de carácter temático e permanente, tem por mote a fotografia da casa repleta de livros do seu ex-proprietário e baseia-se na ideia de biblioteca como *território de felicidade*, com a recriação de um cantinho de leitura aprazível que convida a conhecer esta biblioteca especial.

O livro *Bom Humor* de João Chagas, de 1905, foi o ponto de partida da exposição *Bom humor: a República Portuguesa*. Aquela obra foi dedicada a Rafael Bordalo Pinheiro, caricaturista político e social. A ação literária e, sobretudo, a ação política de João Chagas foram objeto de estudo do anterior possuidor do livro, Joaquim Romero Magalhães, que, em 2014, publicou *João Chagas: a escrita como arma*.

A exposição iniciou no dia três de setembro, a comemorar a data da tomada de posse de João Chagas como presidente do Primeiro Governo Constitucional, a três de setembro de mil novecentos e onze, e prolongou-se até final de outubro.

A Biblioteca da FEUC conserva uma coleção de desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro e de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro doada por Jaime Ferreira, cujas cópias foram expostas nesta exposição, assim como uma coleção de caricaturas dos Presidentes da Primeira República, que integra o Fundo Romero Magalhães.

Na *Mostra bibliográfica comemorativa da independência do Brasil*, patente em novembro, abundam obras relativas ao Brasil, e à história da sua formação e da sua identidade enquanto nação.!

50 ANOS COMEMORAR A FEUC, COMEMORAR A SUA BIBLIOTECA

A 2 de dezembro teve lugar no átrio da Biblioteca uma exposição alusiva à comemoração dos 50 anos da FEUC. Para tal, procedeu-se, na Biblioteca Geral, à pesquisa das notícias publicadas no ano de 1972, sobre a criação da Faculdade, bem como ao levantamento de notícias relativas à inauguração dos novos edifícios da FEUC em 1990.

A exposição contou com três núcleos expositivos. No primeiro surgia o Decreto-Lei nº 521/72, de 15 de dezembro, que promulgou a criação da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, ocorrida a 2 de dezembro. Foram também expostas as notícias acerca do evento surgidas na imprensa local.

Cabe-nos agradecer a colaboração da Biblioteca Matemática da FCTUC, que gentilmente nos emprestou o exemplar

do Diário do Governo que esteve em exposição.

Numa segunda vitrina, colocámos em exposição os primeiros livros de registo de livros da Biblioteca e os primeiros exemplares registados, provavelmente nos anos de 1972 ou 1973. Entre estes consta o título *Introdução à política económica: o mercado e o plano*, da autoria de Francesco Forte, editado em Lisboa, pela Editorial Presença, em 1965.

Desta vitrina consta também o testemunho da Dra. Rosário Pericão – a nossa primeira Bibliotecária – sobre a história da Biblioteca, publicado no *Mil Folhas* número um. Desta forma, assinalámos também os nossos 28 anos de instalação no atual edifício, de inaugurado em novembro de 1994.

Num terceiro núcleo expositivo foram incluídas fotografias dos primeiros edifícios da FEUC, retiradas de vídeos disponíveis no *Youtube* da FEUC, intitulados *A FEUC de outros tempos*.

MIL FOLHAS A PUBLICAÇÃO DO CONSELHO DA BIBLIOTECA DA FEUC

Em 2022, foram lançadas na Biblioteca os números 5 e 6 do *MIL FOLHAS*. Estes números refletem sobre o papel do livro, da leitura e do lugar das bibliotecas, mas também sobre a evolução das principais áreas do conhecimento da Faculdade de Economia ao longo dos seus 50 anos de existência.

A quinta edição, em maio, teve como convidados o Doutor José Augusto Cardoso Bernardes, antigo diretor da Biblioteca Geral da UC e a intervenção virtual de Carlos Medeiros da Biblioteca Jacques Delors.

A sexta edição do *MIL FOLHAS*, por sua vez, contou com a presença do Dr. António Eugénio Maia do Amaral, diretor adjunto da Biblioteca Geral da UC e com a presença virtual de Sofia Néó, da Biblioteca do Banco de Portugal.

SINERGIAS UMA BIBLIOTECA RECIETIVA E DINÂMICA

O espaço da Biblioteca tem sido por diversas vezes requisitado para eventos nos quais colaboramos com o maior empenho.



1 — Exposição comemorativa dos 50 anos da FEUC, *Átrio da Biblioteca*;
2 — Um pouco da história do início da Biblioteca da FEUC, *Átrio da Biblioteca*;
3 — Sala de Leitura 1, *Biblioteca da FEUC*.
4 — Sala de Leitura 2, *Biblioteca da FEUC*.

Em 2022, o *Jornal Mundus* fez, a 7 de março, na Sala de Leitura 1, a apresentação da sua edição número doze.

O *Dia da Sociologia* foi celebrado a 10 de maio, assinalado com o lançamento do número 9 da *Revista Prisma.Soc.*, seguido de um momento musical e de convívio entre colaboradores e público da academia interessado na temática da sociologia.

Em dezembro, a entrevista ao Diretor da FEUC, Álvaro Garrido para a JE | TV – *O Jornal Económico TV*, teve lugar nos espaços da Biblioteca da FEUC, nomeadamente, na Sala de Leitura 2, no espaço do Fundo Rui Namorado.

Com autoria de Susana Garrido, o primeiro comentário da rubrica *Clube de Leitura*, uma iniciativa integrada nas comemorações dos 50 anos da FEUC, foi gravado na Sala de Leitura 2, em dezembro último.

FORMAÇÃO UMA BIBLIOTECA QUE APOIA

De setembro a novembro foram solicitadas ações de formação que tiveram como propósito receber os alunos do Doutoramento em Gestão de Empresas, bem como os do Doutoramento de Sociologia. Organizámos uma visita às instalações e apresentámos os recursos digitais, as

normas para elaboração de referências bibliográficas e o uso de gestores de referenciação automática.

Ao longo do ano, recebemos vários grupos de alunos do ensino secundário e apresentámos os espaços e as regras de funcionamento da Biblioteca.

O TRABALHO DISCRETO... MAS ESSENCIAL, DA BIBLIOTECA

No serviço de referência colaborámos com as bibliotecas congéneres, nacionais e internacionais, e através do empréstimo interbibliotecas trocámos livros e artigos, sempre que necessário, para bem servir a comunidade FEUC.

Em colaboração com o *Serviço de Apoio à Investigação e Gestão de Informação (SAIGI)*, iniciámos um projeto com o qual pretendemos fazer uma análise bibliométrica da produção científica dos investigadores da Faculdade de Economia. Para esta análise são necessários indicadores bibliométricos que avaliam o impacto da produção científica. Assim, este projeto, ao longo de 2022, estudou métricas ao nível do investigador, da revista e do artigo.

O nosso fundo bibliográfico está em permanente atualização pelo que, re-

gularmente, é colocada informação *online* sobre as mais recentes aquisições de monografias que integram o catálogo informático das Bibliotecas da UC. Este boletim de divulgação encontra-se organizado segundo a ordem alfabética dos autores ou títulos, constando nele também a respetiva localização – cota.

Ao longo de 2022 toda a equipa da Biblioteca encontrou ainda tempo para fazer formação em diversas áreas.

ESTRATÉGIAS DE MARKETING UMA BIBLIOTECA PRÓXIMA

A página da biblioteca migrou da plataforma *SILVA* para a *UC Pages*, tornou-se mais moderna e atrativa, bem como muito mais funcional.

Na página *Web* estão acessíveis muitos dos recursos digitais disponibilizados pela Biblioteca, desde bases de dados, coleções de *ebooks*, plataformas integradas de pesquisa com acesso a texto integral, o catálogo bibliográfico *online*, entre outras.

Também em 2022 foi criado um perfil no Instagram para a Biblioteca da FEUC, uma tentativa de alcançar um dos públicos-alvo – os estudantes – que usa esta rede social com maior regularidade.

Os marcadores de livros (marcadores do mês e edições limitadas, *MIL FOLHAS* e *cinquenta anos da FEUC*), viram a luz do dia durante o ano passado e são já um grande sucesso entre os utilizadores mais fiéis da Biblioteca que fazem questão de os colecionar!

FUTURO UMA BIBLIOTECA, VÁRIOS DESAFIOS...

O ano de 2022 foi um ano cheio de desafios que também perspetivamos para 2023, trazidos pela programação da comemoração dos cinquenta anos da FEUC. Proporcionarão, com certeza, uma salutar dinâmica aos espaços da Biblioteca que têm demonstrado ser uma boa sala de visitas e um excelente cartão de boas vindas da FEUC, como espaço físico e virtual de integração e conhecimento.

Quanto aos imperativos da modernidade, faremos os possíveis para nos adaptarmos e continuar a responder de forma assertiva à novas solicitações, conscientes da necessidade de reforçar a nossa identidade FEUC. ●



POLICY ACCUMULATION AND THE DEMOCRATIC RESPONSIVENESS TRAP

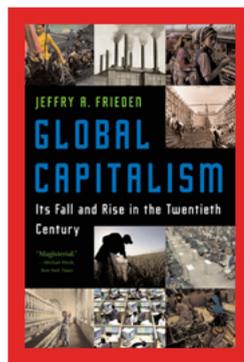
Adam, C., Hurka, S., Knill, C., and Steinerbach, Y. (2019). Cambridge: Cambridge University Press.

[8.2 338.2 POL]
Rui Lourenço
FEUC

Este livro contribui decisivamente para a compreensão de um fenómeno que ocorre na generalidade das democracias contemporâneas: o aumento contínuo, em número e complexidade, do portefólio de políticas públicas, materializadas em estratégias, planos de ação, iniciativas ou programas. Este fenómeno resulta, essencialmente, da crescente preocupação dos agentes políticos em responder às contínuas solicitações da sociedade para “tomar medidas” em todos os domínios da vida social. No entanto, embora esta reatividade seja um elemento essencial e uma fonte de legitimidade democrática dos representantes políticos, o acumular de políticas públicas também tem efeitos contraprodu-

tivos. As administrações públicas, com recursos sempre limitados, entram em sobrecarga e ignoram ou implementam parcialmente novos (e antigos) instrumentos de política pública. O impacto de novas políticas públicas é limitado ou nulo, frustrando as expectativas criadas e minando afinal a confiança no sistema democrático representativo: é o que os autores designam por a “armadilha da democracia”.

Trata-se, portanto, de um livro de leitura essencial para todos os envolvidos no processo de formulação e implementação de políticas públicas. Incluindo, desde logo, quem as reivindica e aos quais se destinam: os cidadãos. ●



GLOBAL CAPITALISM: ITS FALL AND RISE IN THE TWENTIETH CENTURY

Jeffrey A. Frieden.
New York: W. W. Norton & Company (2007)

[939.9 FRI]
José Alberto Fuinhas
FEUC

A globalização nas suas múltiplas formas exerce uma crescente, por vezes subtil, influência nos aspetos mais básicos do quotidiano. Hoje deparamo-nos com uma consciência cada vez mais alargada dos perigos da globalização. Parece que o binómio segurança e globalização são antagonísticos e geradores de ansiedade. A leitura atenta de *Global Capitalism* aguça a nossa perspetiva sobre a globalização não ser nem inevitável nem irreversível.

De facto, o passado já mostrou que a globalização pode ruir com estrondo.

Neste livro, Jeffrey Frieden faz uma valiosa apreciação da evolução da economia global sob a batuta do desenvolvimento do capitalismo, fornecendo um conjunto de ferramentas que permite uma análise da situação presente e dos desafios que diferentes opções políticas colocam no futuro próximo. Acima de tudo, Frieden ajuda a refletir sobre o capitalismo e a globalização e como são ou podem ser obstáculos ou aliados na solução dos problemas mais prementes que a humanidade enfrenta. ●



ANUÁRIO FINANCEIRO DOS MUNICÍPIOS PORTUGUESES

João Carvalho, Maria José Fernandes, Susana Jorge e Pedro Camões (2021). Lisboa, Ordem dos Contabilistas Certificados

[PP 2253]
Susana Jorge
FEUC

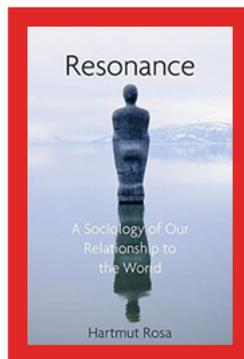
Os municípios são entidades do governo local responsáveis por uma panóplia de serviços públicos cruciais, numa lógica de proximidade às necessidades das populações locais. A prestação destes serviços, bem como o exercício da autonomia da administração local é determinada pela condição orçamental e financeira das entidades. Para muitos municípios, esta condição e a disponibilidade de recursos dependem das transferências financeiras da administração central. Adicionalmente, contextos recentes de crises financeira e pandémica evidenciam a vulnerabilidade, mas também a resiliência dos municípios, considerando a sua realidade administrativa e institucional, bem como a estrutura das suas receitas e despesas.

O *Anuário Financeiro dos Municípios Portugueses*, com publicação regular anual desde 2003, apresenta anualmente uma análise detalhada e integrada da condição orçamental, financeira e económica dos 308

municípios portugueses, incluindo comparações com períodos anteriores e permitindo a identificação de tendências.

A publicação proporciona uma visão panorâmica da situação financeira dos municípios portugueses, apresentando ainda alguns rankings dos melhores e piores municípios, segundo alguns indicadores.

Este *Anuário* encontra-se em acesso aberto no site da Ordem dos Contabilistas Certificados (<https://www.occ.pt/pt/a-ordem/publicacoes/anuario-financeiro-dos-municipios-portugueses/>), entidade que tem sido responsável pela sua publicação. ●



RESONANCE: A SOCIOLOGY OF OUR RELATIONSHIP TO THE WORLD

Hartmut Rosa (2019). Cambridge: Polity Press.

[316. ROS]
José Manuel Mendes
FEUC

A obra *Resonance...* de Hartmut Rosa surge na sequência e completa o seu livro sobre a aceleração como característica base da modernidade. O trabalho sobre a ressonância pretende ser uma análise crítica e uma proposta para lidar e responder à alienação que resulta dos processos pesados de aceleração e de globalização das relações sociais e pessoais. O pressuposto ontológico e epistemológico da ressonância como conceito sociológico é a ideia do bem comum como uma forma determinada de relação social, temporal e espaço-material, de uma comunidade política com o mundo.

O livro de Rosa está estruturado em quatro partes. Numa primeira parte, são analisadas as componentes básicas da relação do ser humano com o mundo, a saber: corporais, de apropriação e experiência e, por último, emocionais e cognitivas. A segunda parte aborda os eixos e esferas na ressonância a três níveis: horizontal, onde se incluem as relações dos seres humanos na família, na amizade e na política; diagonal, que

analisa as relações ressonantes com o mundo material das coisas, dos objetos e dos artefactos, nas esferas do trabalho, educação, desporto e consumo; e, por último, o eixo vertical das relações ressonantes com o mundo e a vida, substanciadas na religião, na natureza, na arte e na história.

A terceira parte do livro é dedicada aos processos que inibem a ressonância com o mundo e o “calam”, o que Hartmut Rosa designa da “modernidade como uma catástrofe da ressonância”. A quarta e última parte apresenta-se como uma reflexão sobre uma teoria crítica da nossa relação com o mundo e das possibilidades de relações ressonantes num contexto de pós-crescimento.

Esta obra de Hartmut Rosa é um contributo da teoria crítica para a produção de uma visão alternativa, sociologicamente fundamentada e normativamente orientada, do capitalismo e da globalização prevalentes nas sociedades hodiernas e a todas as formas de alienação. ●